

CONTOS



Rainer Maria Rilke
(Áustria, 1875-1926)

Anuska

Nesse verão, a senhora Blaha, esposa, de um pequeno funcionário do caminho de ferro de Turnan, Venceslau Blaha, foi passar algumas semanas a sua terra natal. Era uma vilória muito pobre e banal, situada na planície pantanosa da Boémia, na região de Nimburgo. Quando a senhora Blaha, que, apesar de tudo, se sentia em certa medida uma pessoa da cidade, tornou a ver todos aqueles casinhotos miseráveis, considerou-se capaz de uma acção caridosa. Entrou em casa de uma campónia que conhecia e que tinha uma filha e propôs-lhe levar a rapariga para a sua casa da cidade, tomando-a ao seu serviço.

Pagar-lhe-ia um ordenado modesto e a rapariguinha gozaria da vantagem de estar na cidade e aprender lá muitas coisas. (A senhora Blaha não se apercebia bem do que a rapariga lá poderia aprender). A camponesa discutiu a proposta com o marido, que carregava muito o sobreceño e se limitou, como resposta, a cuspir para o lado e, por fim, perguntou:

— Ora diz lá, a senhora sabe que a Ana é um pouco...?

E dizendo isto, agitou em frente da testa a mão queimada e enrugada como uma folha de castanheiro.

— Imbecil! — respondeu a camponesa. — Não somos nós que devemos...

E assim foi Ana para casa dos Blaha. A maior parte das vezes ficava sozinha durante o dia inteiro. O patrão estava no escritório e a senhora trabalhava em costura fora de casa; não tinham filhos.

Ana passava o tempo sentada na pequena cozinha sombria, uma das janelas da qual dava para o pátio, e esperava a chegada da caixa de música. Vinha todas as tardes, antes do pôr do sol. Inclina-se então o mais que podia para fora da janela e, enquanto o vento lhe agitava os cabelos claros, dançava interiormente até à vertigem e até que as paredes altas e sujas parecessem balouçar-se uma em frente da outra. Quando a dominava o medo da solidão, percorria toda a casa, descia a escada sombria até ao saguão, onde um homem cantava, meio embriagado. Encontrava sempre no seu caminho crianças, que vagabundeavam durante horas sem fim no pátio, sem que os pais notassem a ausência de nenhuma delas, e, coisa estranha, os pequenos pediam-lhe sempre que lhes contasse histórias. Por vezes seguiam-na mesmo até à cozinha. Ana

sentava-se então ao lado do forno, escondia o rosto pálido nas mãos e dizia: «Reflectir». As crianças esperavam durante algum tempo. Mas quando Anuska continuava a reflectir e o silêncio na cozinha sombria as intimidava, as crianças fugiam, sem verem que a pobre rapariga se punha a chorar com lamentosa meiguice e que a saudade da terra a torturava. De que tinha ela saudades?

Ninguém poderia dizer-lhe. Talvez até das pancadas que lá lhe davam. A maior parte das vezes não sabia o que era que a fazia sofrer de saudades; talvez alguma coisa que um dia existira, a menos que tivesse sido apenas sonho. À força de reflectir sempre que tinha as crianças junto de si, foi-se, pouco a pouco, recordando. A princípio era vermelho, vermelho, depois aparecia uma grande multidão. Ouvia-se então o pesado som de um sino e, em seguida, surgiam um rei, um camponês e uma torre. «Meu senhor rei», disse o campónio... «Sim», respondeu o rei em voz altiva, «já sei». E, com efeito, como é que um rei poderia ignorar tudo aquilo que um camponês pode ter para lhe dizer?

Algum tempo depois, a patroa levou a rapariguinha a fazer compras. Como o Natal se aproximava e era à tardinha, as montras estavam já iluminadas e providas de uma porção de coisas. Numa loja de brinquedos, Ana viu, de repente, aquilo que era objecto da sua recordação: o rei, o campónio e a torre.

Oh! E o coração bateu-lhe com mais força do que os seus passos no lajedo. Mas depressa desviou os olhos e, sem se deter, continuou a seguir a senhora Blaha. Dominava-a o sentimento de que não deveria revelar nada do seu segredo, e o teatro das bonecas ficou atrás delas, como se não o tivessem notado.

Com efeito, a senhora Blaha, não tendo filhos, nem sequer tinha feito reparo.

Um pouco mais tarde, Ana teve o seu dia de saída. Não voltou à noite. Um homem, que encontrara à porta de um café, fez-lhe companhia, e não se lembrava com exactidão do lugar aonde ele a conduziu.

Afigurava-se-lhe ter estado ausente durante um ano inteiro. E quando, fatigada, voltou, na segunda de manhã, para a pequena cozinha, esta pareceu-lhe ainda mais fria e mais sombria do que habitualmente.

Nesse dia, partiu uma terrina, o que lhe valeu uma violenta descompostura. A patroa nem sequer notara a sua ausência durante uma noite inteira. Depois, pelo começo do ano, dormiu fora mais três noites. E, de repente, deixou de passear através da casa, fechou, receosamente, a

janela e nunca mais apareceu, nem mesmo quando a caixa de música surgia.

Assim passou o Inverno, e uma pálida e tímida Primavera começou. É uma estação com um aspecto muito particular nos pátios interiores. As casas são negras e húmidas, mas a atmosfera aparece, ali, luminosa e comparável ao linho mais branco. As janelas, mal lavadas, lançam reflexos saltitantes e leves flocos de poeira dançam ao vento, descendo ao longo dos andares. Ouvem-se os ruídos da casa inteira, as caçarolas tilintam com um barulho muito diferente do habitual, com um som mais claro, mais agudo, e até as facas e as colheres têm som diferente.

Nesse tempo, Anuska teve um filho. Foi para ela uma grande surpresa. Depois de se sentir, durante longas semanas, volumosa e pesada, aquilo escapou-se-lhe, uma bela manhã, de dentro, e surgiu neste mundo, vindo sabe Deus donde. Era domingo e toda a gente dormia ainda em casa. Olhou durante um instante a criança, sem o rosto se lhe alterar o mínimo que fosse. Mal se mexia! De repente, porém, uma vozinha aguda saiu do pequenino peito. No mesmo instante, a senhora Blaha chamou e as molas da cama estalaram no quarto de dormir. Anuska agarrou então no avental azul que estava em cima da cama, apertou as fitas em volta do pescocinho delgado e pôs aquilo, como um embrulho, no fundo da mala.

Passou depois à cozinha, entreabriu as cortinas e começou a preparar o café.

Num dos dias seguintes, Anuska deitou contas aos salários que até então recebera: eram quinze florins.

Fechou depois a porta, abriu a mala e poisou o avental azul, com o que continha, em cima da mesa.

Abriu-o, lentamente, olhou a criança, mediu-a dos pés à cabeça com a ajuda de um metro. Depois, pôs, de novo, tudo em ordem e foi à cidade. Que pena! O rei, o camponês e a torre eram muito mais pequenos. Trouxe-os, contudo, e, com eles, outras bonecas ainda, a saber: uma princesa com manchas vermelhas e redondas nas faces, um velhote com uma cruz ao peito e que se parecia com S. Nicolau por causa da barba comprida e mais duas ou três outras menos belas e imponentes. Além disso, um teatro cujo pano subia e descia, mostrando ou escondendo o jardim que formava o cenário.

Anuska tinha, finalmente, com que se ocupar durante as suas horas de solidão e de nostalgia. Instalou aquele magnífico teatro (custara

doze florins) e colocou-se por detrás dele como convém. Mas, por vezes, quando o pano subia, corria pela frente do teatro, olhava para aquele jardim, e toda a cozinha, pardacenta, desaparecia, então, por detrás das grandes árvores magníficas. Depois recuava alguns passos, pegava em duas ou três bonecas e punha-as a falar. Não era uma verdadeira peça; as bonecas falavam e respondiam umas às outras; também, por vezes, acontecia que duas bonecas, como que aterrorizadas, se inclinavam, subitamente, uma diante da outra, ou faziam um cumprimento ao velhote que não podia curvar-se, por ser todo de madeira. Por isso, a emoção fazia-o em todos esses casos cair para trás.

O boato dessa brincadeira correu entre as crianças, e, em breve, os pequenos da vizinhança, a princípio prudentes e depois cada vez mais atrevidos, apareceram na cozinha dos Blaha, de pé, pelos cantos, quando a noite começava a cair, sem perderem de vista as belas bonecas que repetiam sempre as mesmas coisas.

Um dia, Anuska, com as faces em fogo, disse:

— Tenho ainda uma muito maior!

As crianças tremiam de impaciência. Mas Anuska parecia esquecida do que acabara de dizer. Dispôs todas as personagens no jardim, apoiando contra o cenário as que não podiam ter-se em pé. Nesta ocasião apareceu uma espécie de Arlequim, de grande cara redonda, que as crianças não se lembravam de ter visto. A curiosidade ainda ficou mais excitada com todo aquele esplendor, e os pequenos suplicaram que lhes mostrasse a «maior de todas». Só uma vez, a «maior de todas»! Por um instante só, a «maior de todas»!

Anuska caminhou para a mala. A noite caía. As crianças e as bonecas estavam de pé, umas em frente das outras, silenciosas e quase iguais. Mas, dos grandes olhos abertos do Arlequim, que pareciam esperar qualquer espectáculo terrível, espalhou-se, de súbito, um tal pavor pelas crianças que soltando agudos gritos, fugiram sem excepção. Um grande objecto azulado se destacava nas mãos de Anuska, que, de repente, tinham começado a tremer. A cozinha, abandonada pelas crianças, ficara estranhamente vazia e silenciosa. Anuska não sentia medo. Riu docemente, derrubou o teatro com um pontapé, depois espezinhou as travessazinhas de madeira que tinham figurado o jardim, e, quando a cozinha ficou mergulhada na noite, andou à roda dela, a ofender o crânio a todas as bonecas, incluindo a azul, a maior.

Kismet

Cheio e pesado, Král, o forte, estava sentado à beira do caminho sulcado de pântanos. Tjana estava acocorada ao lado dele. Apoiava o rosto de criança entre as mãos morenas e esperava, de olhos muito abertos, espiando em silêncio. Olhavam ambos o crepúsculo do Outono. Diante deles, no prado pálido e pobre, estacionava o carro verde dos saltimbancos, por cima de cuja porta flutuavam docemente fitas multicores. Um leve fumo azulado elevou-se da estreita chaminé de folha dissipando-se no ar. Mais longe, nas colinas que pareciam formar longas vagas, o cavalo fatigado parecia patinhar e pastava, aqui e além, o pouco restolho que ficara. Por vezes parava, erguia a cabeça e olhava com os bons olhos pacientes a noite que chegava e em que se acendiam gradualmente as janelas da aldeia.

— Sim — disse Král, com um ar de selvagem decisão. — É por tua causa que ele aqui está.

Tjana conservou-se em silêncio.

— De outro modo, que viria fazer aqui, Prokopp? — acrescentou Král com um gesto de aborrecimento.

Tjana encolheu os ombros, arrancou com um gesto rápido alguns tufos de erva prateada e, com um momo, meteu algumas ervazinhas entre os dentes brancos e brilhantes. Sempre silenciosa, parecia contar as luzes da aldeia.

As ave-marias soaram.

O pequenino sino agitava-se fortemente, como que desejoso de acabar. De repente, o som suspendeu-se: dir-se-ia que um queixume ficara suspenso no ar. A jovem cigana lançou para trás os braços graciosos e apoiou-se ao declive. Escutava o canto hesitante dos grilos e a voz cansada da irmã que entoava uma canção de embalo no interior da carroça.

Ficaram ambos a escutar durante momentos. Depois a criança começou a chorar lá dentro, com grandes soluços de desespero. Tjana voltou a cabeça para o cigano e disse-lhe com ar zombeteiro:

— Que esperas tu para ir ajudar a tua mulher, Král? O menino está a chorar.

Král agarrou na mão da rapariga:

— Foi por tua causa que Prokopp veio, — disse ele com ar zangado e a modo de resposta.

A rapariguinha abanou a cabeça com ar sombrio.

— Bem sei.

Então Král, o forte, agarrou-lhe na outra mão e prendeu-a ao chão. Tjana estava como que petrificada. Mordeu os lábios até fazer sangue para não gritar. Ele, com ar ameaçador, inclinara-se para ela. Tjana já nada via da noite de Outono. Só o distinguia a ele com os seus ombros largos e fortes. Era tão alto, ficava tão acima dela, que lhe escondia a carroça, a aldeia e o céu pálido. Fechou um instante os olhos e pensou: «Král significa rei. E merece bem o nome, na verdade».

Mas ao mesmo tempo sentiu a dor pungente nos punhos como uma suprema vergonha. Deu um salto, libertou-se com uma sacudidela violenta e ergueu-se diante dele com uns olhos furiosos e fulgurantes.

— Que queres? — perguntou ele numa voz surda.

Tjana sorriu.

— Dançar.

Levantou os seus braços graciosos de rapariguinha frágil e fê-los girar lentamente como se as mãos morenas fossem transformar-se em asas. Inclinou a cabeça para trás, para muito longe, deixando flutuar os cabelos negros e pesados, e ofereceu o seu estranho sorriso à primeira estrela que surgira. Os pés nus, com os tornozelos finos, como que tacteavam, procurando um ritmo; no corpo jovem havia uma sede de ternura e de carícia, de prazer consciente e de voluntário abandono, tal como devem senti-lo as flores de finos pedículos quando a noite, pela primeira vez, vem beijá-las.

Com os joelhos trémulos, Král estava de pé diante dela. Olhava o bronze pálido das espáduas nuas da dançarina. E sentia isto confusamente: Tjana dança o amor.

Cada brisa que atravessava os prados parecia confundir-se com os seus movimentos como uma leve carícia, e todas as flores sonhavam, num primeiro sonho, ondular e inclinar-se assim. Tjana, aproximando-se cada vez mais de Král, inclinou-se para ele de tão estranho modo que os braços do homem pareciam paralisados na muda contemplação. De pé, como um escravo, sentia pulsar fundo o coração. Tjana tocava-o como um sopro, o ardor dos seus movimentos tão próximos atingia-o como uma vaga. Depois, ela recuou, para mais longe, sorriu com uma expressão de orgulho vencedor e pensou: «Não, apesar de tudo não é um rei».

A cigana dominava-se pouco a pouco e continuava como se quisesse modelar no seu ritmo uma imagem de sonho. De repente, parou. Alguma coisa se acrescentava e confundia com o movimento de Tjana. Um canto leve e flutuante que parecia há muito contido na dança, e que provinha como que de um longo sono, parecia florir em cadências cada vez mais ricas e plenas. A dançarina hesitava. Todos os seus movimentos se tornavam mais lentos, mais suaves. Olhou Král e ambos sentiram aquele canto como um peso que os paralisava. Involuntariamente, os olhos voltaram-se na mesma direcção e viram Prokopp adiantar-se para eles. A delgada silhueta do corpo juvenil desenhava-se contra o crepúsculo prateado. Caminhava, como que inconsciente, num passo sonolento, modelando numa simples flauta rústica as notas de uma doce canção. Viram-no aproximar-se. De repente, Král, correndo ao seu encontro, arrancou-lhe a flauta dos lábios. Prokopp, sereno, agarrou com as mãos viris os braços do agressor, apertou-os fortemente e aguentou com um olhar inquisidor a expressão hostil dos olhos dele.

Os dois homens ficaram assim frente a frente. Em volta deles, o silêncio. A carroça verde parecia olhar a região através das aberturas das lucarnas, como se fossem olhares tristes numa expectativa.

Sem dizer palavra os dois ciganos, de súbito, largaram-se. Král, com uma cólera obstinada e o jovem com uma confissão nos olhos sombrios. Tjana, fatigada, deixara-se cair ante os olhos dos dois homens. Parecia-lhe que devia ir para Prokopp, beijá-lo e perguntar-lhe: «Onde aprendeste essa canção?» Mas já não tinha forças para tal. Acocorada à beira do caminho, inerte, como uma criança friorenta, conservava-se em silêncio. Os lábios cerraram-se-lhe. Os olhos velavam-se-lhe.

Os homens esperaram durante algum tempo. E então Král lançou ao outro um olhar hostil e provocante e caminhou. Prokopp parecia hesitar. Tjana viu os olhos tristes do jovem cigano despedirem-se dela. Estremeceu. A seguir, a silhueta delgada e ágil tornou-se cada vez mais indistinta e acabou por desaparecer na mesma direcção em que Král seguira. Tjana escutou, ouvindo os passos perder-se nos prados. Retinha a respiração, escutando no silêncio da noite.

A planície foi percorrida por uma brisa tépida e suave como o hálito de criança adormecida. Tudo se mantinha claro e silencioso; e desse vasto silêncio destacavam-se os leves rumores da noite que começava: o agitar das folhas das velhas tílias, um regato que algures murmurava e a queda surda de uma maçã madura no seio da relva de Outono.

O apóstolo

Mesa redonda no melhor hotel de N... Contra as paredes de mármore da alta e clara sala de jantar ondula o rumor humano e o barulho dos talheres. Apressados, como sombras mudas, os criados de casaca preta andam de cá para lá com as bandejas de prata. Nos baldes com gelo brilham garrafas de champanhe. Tudo cintila à luz das lâmpadas eléctricas: as taças, os olhos e as jóias das mulheres, os crânios luzidios dos cavalheiros e até mesmo as palavras que saltam como faúlhas. Quando são espirituosas, estala, mais perto ou mais longe, o chamejar agudo dum riso breve numa garganta feminina. Depois as senhoras comem a sopa fumegante em finas taças translúcidas, enquanto os jovens ajustam o monóculo e percorrem com um olhar crítico a mesa multicolor.

Eram todos eles frequentadores que se conheciam já. Mas, nesse dia, um desconhecido sentara-se numa das extremidades da mesa. Os homens deitaram-lhe um olhar rápido, porque o traje desse homem pálido e grave não era da última moda. Subia-lhe até ao queixo um alto colarinho branco e apertava-lhe o pescoço a grande gravata negra que se usava no começo do século. O casaco preto assentava-lhe nos ombros largos. O mais surpreendente eram os grandes olhos cinzentos do recém-chegado, que com olhar solene e poderoso parecia trespassar de lado a lado toda a assistência, e que brilhava como se algum longínquo desígnio nele incessantemente se reflectisse.

Aquele olhar atraía os olhos das mulheres curiosas que o interrogavam em segredo. Murmuraram toda a espécie de suposições, tocaram-se com o pé, interrogaram-se, encolheram os ombros e, apesar de tudo, não conseguia explicar-se aquela presença.

A baronesa polaca Vilovsky, jovem e espirituosa Witib, estava ao centro dos conservadores. Também ela parecia interessar-se pelo taciturno desconhecido. Os seus grandes olhos negros suspendiam-se com estranha insistência nos traços cavados do estrangeiro. A sua mão fina tamborilava nervosamente na toalha adamascada, fazendo brilhar a magnífica jóia que ornava um dos seus anéis. Com uma pressa impaciente e pueril, ora falava de um assunto, ora doutro, para depois se interromper bruscamente ao notar que o estrangeiro não tomava parte na conversação. Julgava-o um artista com muita habilidade e levava a conversa para os temas de arte mais diversos. Em vão. O desconhecido

vestido de preto conservava o olhar perdido no vago. Mas a baronesa Vilovsky não abandonava a partida.

— Já ouviu falar do terrível incêndio na aldeia de B...? — perguntou ela ao seu vizinho.

E como lhe respondesse afirmativamente, acrescentou:

— Proponho formarmos uma comissão para organizar um peditório e uma obra de beneficência em favor das vítimas desse incêndio.

Lançou em volta olhares interrogadores. Vivas aprovações acolheram a proposta. Um sorriso sarcástico iluminou o rosto do desconhecido. A baronesa sentiu esse sorriso sem o ver. Uma grande cólera a agitava.

— Está toda a gente de acordo? — observou ela num tom imperioso, que não admitia réplicas. E ouviu-se então um coro de vozes:

— Sim, de acordo! Naturalmente!

O conviva que me ficava defronte, um banqueiro de Colónia, com gesto eloquente, ia já a meter a mão no bolso que continha a sua carteira cheia de notas do banco.

— Podemos contar consigo, senhor? — perguntou a baronesa ao estrangeiro. A sua voz tremia. O desconhecido pôs-se de pé e, em voz alta, sem olhar, num tom brutal, disse:

— Não!

A baronesa estremeceu. Sorriu contrafeita. Todos os olhos estavam fitos no estrangeiro. Este dirigiu o seu olhar à baronesa e prosseguiu:

— A senhora comete um acto inspirado pelo amor; eu, pela minha parte, ando através do mundo com o propósito de matar o mesmo amor. Seja onde for que o encontre, assassino-o. E encontro-o muitas vezes em choupanas, nos castelos, nas igrejas e na natureza. Mas persigo-o impiedosamente. E da mesma maneira que na Primavera os ventos quebram a rosa que demasiado cedo desabrochou, assim também a minha grande e obstinada vontade a destrói: porque penso que a lei do amor nos foi prematuramente imposta.

A sua voz ressoou cavernosa como o eco do som do sino às Ave-Marias. A baronesa fez menção de responder, mas o homem continuou:

— Não me compreendeu ainda. Escute-me. Os homens não se encontravam amadurecidos quando o Nazareno veio até eles e lhes

trouxe o amor. Na sua generosidade pueril e ridícula, julgava ele fazer-lhes bem. Para uma raça de gigantes, o amor teria sido um confortável travesseiro na brancura do qual poderiam com volúpia sonhar novos feitos. Mas para homens fracos é a extrema decadência.

Um sacerdote católico que se encontrava presente levou a mão ao colarinho como se sentisse faltar-lhe o fôlego.

— A extrema decadência!... — exclamava o estrangeiro. — Não falo do amor entre os sexos. Falo do amor do próximo, da caridade e da piedade, da graça e da indulgência. Não há piores venenos para a nossa alma!

Um som indistinto se ouviu entre os espessos lábios do sacerdote.

— Dize-me tu, ó Cristo: que fizeste? Parece-me que fomos educados como aqueles animais ferozes que se procuram desabituar dos seus mais profundos instintos, no propósito de lhes bater impunemente com um látego de domador quando eles se tornarem meigos. Da mesma maneira nos limaram os dentes e as garras e nos pregaram o amor do próximo. Arrancaram-nos das mãos o brilhante dardo da nossa vontade altiva e pregaram-nos o amor do próximo! E foi assim que nos entregaram nus à tempestade da vida, na qual incessantemente sobre nós caem as marretadas do destino, ao mesmo tempo que, por outro lado, se nos prega o amor do próximo!

Todos, sustendo a respiração, escutavam. Os criados não se atreviam a mexer-se e mantinham-se firmes perto da mesa segurando nas mãos as bandejas de prata. As palavras do desconhecido, como um sopro violento de tempestade, rompiam o abafado silêncio.

— E nós obedecemos — continuou ele. — Obedecemos cega e estupidamente a essa ordem insensata. Partimos em procura daqueles que tinham sede, dos que tinham fome, dos doentes, dos leprosos, dos fracos e nós próprios somos doentes e miseráveis. Sacrificamos a nossa vida para erguer aqueles que caíam, animar os que duvidavam, consolar os que estavam tristes, e nós próprios desesperamos. Aos que tinham assassinado as nossas mulheres e os nossos filhos, tinham lançado a discórdia nos nossos lares, não destruímos as suas próprias casas, e eles puderam esperar nelas calmamente o fim dos seus dias.

Um terrível acento de zombaria fez-lhe tremer a voz, e continuou:

— Aquele que celebram como Messias transformou o mundo inteiro num enorme hospício de doentes incuráveis. Os fracos, os miseráveis e os inválidos são seus filhos e seus favoritos. Então os fortes viriam ao mundo apenas para proteger, servir e velar por esses inermes

seres? E se eu sinto em mim um fogoso entusiasmo, um entusiasmo intenso e celeste para a luz, se subo com firmeza o caminho escarpado e pedregoso, devo acaso, quando vejo já flamejar o divino fim, inclinar-me para o inválido caído à beira do caminho? Devo anima-lo, erguê-lo, arrasta-lo comigo e gastar a minha força ardente a tratar desse cadáver impotente que, alguns passos adiante, cairá de novo, prostrado? Como havemos nós de subir, se todas as nossas forças forem aplicadas em proteger e erguer os miseráveis, os oprimidos e até mesmo os preguiçosos hipócritas que não têm medula nem alma?

Elevou-se um murmúrio.

— Silêncio! — exclamou o estrangeiro numa voz de estentor. — Sois demasiado fracos para confessardes que é assim mesmo como eu digo. Desejais enterrar-vos eternamente no pântano. Julgais ver o céu porque vedes o reflexo dele no regato. Ora, compreendi-me bem. Ligaram a nossa força à terra. É preciso que ela se apague miseravelmente nos braseiros da misericórdia. Deve servir apenas para acender o incenso da piedade, para produzir os vapores que nos entorpecem os sentidos. Ela, essa força que poderia elevar-se para o céu como uma grande chama livre e jubilosa!

Todos se calaram. Sorridente, o estranho desconhecido prosseguiu:

— E se os nossos antepassados fossem macacos, animais selváticos movidos por poderosos instintos naturais, e se um Messias lhes tivesse pregado o amor do próximo, obedecendo à sua palavra eles ter-se-iam impedido de realizar todo e qualquer desenvolvimento das suas possibilidades. Nunca a massa múltipla e estúpida pode determinar o progresso; só o «único», o grande, que odeia a população, obscuramente consciente da sua baixeza, pode caminhar sem receios na estrada da vontade, com uma força divina e um sorriso vitorioso nos lábios. A nossa geração também não está no cume da pirâmide infinita do dever. Também nós não significamos um termo. Também nós não estamos ainda demasiado amadurecidos como vós presunçosamente acreditais. Portanto, para a frente! Não havemos de elevar-nos pelo conhecimento, pela vontade e pelo poder? Não devem os fortes conseguir escapar da atmosfera de constrangimento e de inveja das massas para seguirem em direcção à luz?

«Ouçam-me todos! Encontramo-nos em pleno combate! À direita e à esquerda de nós caem os nossos companheiros; caem vítimas de fraqueza, de doença, de vício e de loucura... e de todos os outros projecteis que sobre eles vomita o destino terrível. Deixem-nos cair,

deixem-nos morrer abandonados, miseráveis! Sejam duros, sejam terríveis, sejam impiedosos! É preciso avançar. Para a frente!

«Para que são esses olhares de temor? Sois acaso cobardes? Receais, vós também, ficar para trás? Pois então deixai-vos para estoirar como cães! Sou forte, tenho direito de viver. O forte segue sempre em frente!... As fileiras cerradas abrir-se-lhe-ão. Mas são pouco numerosos os grandes, os poderosos, os divinos que, com os olhos cheios de sol, esperam a nova terra sagrada. Talvez que isso ocorra dentro de milhares de anos. Talvez que então, com os seus braços fortes, musculosos e imperiosos construam um templo sobre os corpos dos doentes, dos fracos e dos enfezados... Um império eterno...»

Os olhos brilhavam-lhe. Levantara-se. A sua silhueta erguia-se com grandeza sobrenatural. Parecia aureolado de luz. Tinha o aspecto de um deus.

O olhar pareceu demorar-se-lhe um momento na visão maravilhosa; depois regressando, subitamente, à realidade concluiu:

— Vou através do mundo para matar o amor. Que a força seja convosco! Vou-me através do mundo para pregar aos fortes: ódio, ódio e ainda ódio!

Todos se olharam, mudos. A baronesa, dominada por viva emoção, calcava o lenço contra as pálpebras.

Quando ela levantou os olhos, o lugar ao canto da mesa estava vazio. Percorreu-os a todos um frémito. Ninguém proferiu palavra. Os criados, trémulos ainda, retomaram o serviço.

O gordo banqueiro, sentado em frente de mim, foi o primeiro a retomar o uso da palavra.

Disse entre dentes:

— Era um louco ou...

Não ouvi o resto da frase, porque o homem mastigava com a boca muito cheia um pedaço de empadão de lagosta.

O “Eu” e o “Mundo”

(Carta de 17 de Fevereiro de 1903)

Meu caro senhor:

Acabo de receber a sua carta. Não quero deixar de lhe agradecer a grande e preciosa confiança que esta representa, mas pouco mais posso fazer. Não analisarei a maneira dos seus versos, porque sempre fui alheio a qualquer preocupação crítica. Para penetrar uma obra de arte, nada, aliás, pior do que as palavras da crítica, que apenas conduzem a mal entendidos mais ou menos felizes. Nem tudo se pode apreender ou dizer, como nos querem fazer acreditar. Quase tudo o que acontece é inexprimível e se passa numa região que a palavra jamais atingiu. E nada mais difícil de exprimir do que as obras de arte — seres vivos e secretos cuja vida imortal acompanha a nossa vida efêmera.

Dito isto, apenas posso acrescentar que os seus versos não revelam uma maneira sua. Contêm, é certo, germens de personalidade, mas ainda tímidos e escondidos. Senti-o, sobretudo, no seu último poema: *A Minha Alma*. Neste poema, qualquer coisa de pessoal procura encontrar solução e forma. E em toda a bela poesia *A Leopardi* se sente uma espécie de parentesco com este príncipe, este solitário. Contudo, os seus poemas não têm existência própria, independência, nem mesmo o último, nem mesmo o que é dedicado a Leopardi. Na sua carta encontrei a explicação de certas insuficiências que já notara ao lê-lo, mas a que não me fora possível dar nome. Pergunta-me se os seus versos são bons. Pergunta-mo a mim — depois de o ter perguntado a vários. Manda-os para as revistas. Compara-os a outros poemas e alarma-se quando certas redacções afastam os seus ensaios poéticos. Doravante (visto que me permite aconselhá-lo), peço-lhe que renuncie a tudo isso. O seu olhar está voltado para fora: eis o que não deve tornar a acontecer. Ninguém pode aconselhá-lo nem ajudá-lo — ninguém! Há só um caminho: entre em si próprio e procure a necessidade que o faz escrever. Veja se esta necessidade tem raízes no mais profundo do seu coração. Confesse-se a fundo: “Morreria se não me fosse permitido escrever?” Isto, sobretudo: na hora mais silenciosa da noite, faça a si mesmo esta pergunta:

— “Sou realmente obrigado a escrever?” — examine-se a fundo até encontrar a mais profunda resposta. Se esta resposta for afirmativa, se puder fazer face a uma tão grave interrogação com um forte e simples “Devo”, então construa a sua vida segundo esta necessidade. A sua vida,

mesmo na sua hora mais indiferente, mais vazia, deve tornar-se sinal e testemunho de tal impulso. Então, aproxime-se da natureza. Experimente dizer, como se fosse o primeiro homem, o que vê, o que vive, o que ama, o que perde. Não escreva poemas de amor. Evite, de princípio, os temas demasiado correntes; são os mais difíceis. Nos assuntos em que tradições seguras, por vezes brilhantes, se apresentam em grande número, o poeta só pode fazer obra pessoal na plena maturação da sua força. Fuja dos grandes assuntos e aproveite os que o dia-a-dia lhe oferece. Diga as suas tristezas e os seus desejos, os pensamentos que o afloram, a sua fé na beleza. Diga tudo isto com uma sinceridade íntima, calma e humilde. Utilize, para se exprimir, as coisas que o rodeiam, as imagens dos seus sonhos, os objectos das suas recordações. Se o quotidiano lhe parecer pobre, não o acuse: acuse-se a si próprio de não ser bastante poeta para conseguir apropriar-se das suas riquezas. Para o criador nada é pobre, não há sítios pobres, indiferentes. Mesmo numa prisão cujas paredes abafassem todos os ruídos do mundo, não lhe restaria sempre a sua infância, essa preciosa, essa magnífica riqueza, esse tesouro de recordações? Oriente neste sentido o seu espírito. Tente fazer voltar à superfície as impressões submersas desse vasto passado. A sua personalidade fortificar-se-á, a sua solidão povoar-se-á, tornando-se, nas horas incertas do dia, uma espécie de habitação fechada aos ruídos exteriores. E se lhe vierem versos deste regresso a si próprio, deste mergulho no seu mundo, não pensará em perguntar se são bons ou não, não procurará conseguir que revistas e jornais se interessem pelos seus trabalhos, porque gozará deles como de uma posse natural, como de um dos seus modos de vida e de expressão. Uma obra de arte é boa quando nasce de uma necessidade: é a natureza da sua origem que a julga. Por isso, meu caro senhor, apenas me é possível dar-lhe este conselho: mergulhe em si próprio e sonda as profundidades onde a sua vida brota. Só lá encontrará a resposta à pergunta: — “Devo criar?”. Desta resposta recolha o som sem forçar o sentido. Talvez chegue então à conclusão de que a arte o chama. Nesse caso, aceite o seu destino e tome-o, com o seu peso e a sua grandeza, sem jamais exigir uma recompensa que possa vir do exterior. O criador deve ser todo um universo para si próprio, tudo encontrar em si próprio e nessa parcela da natureza com que se identificou. Pode acontecer que, depois desta descida em si mesmo, ao “solitário” de si mesmo, tenha de renunciar a ser poeta. (Basta, a meu ver, sentir que se pode viver sem escrever para que não seja permitido escrever). Mas, mesmo neste caso, a introspecção que lhe peço não terá sido vã. A sua vida dever-lhe-á sempre, quanto mais não seja, caminhos próprios. Que esses caminhos sejam bons, felizes e longos é o que lhe desejo como não sei dizer-lhe.

Que poderei acrescentar? Creio ter abordado o essencial. No fundo, apenas fiz questão de aconselhá-lo a evoluir segundo a sua lei, gravemente, seguramente. Não lhe seria possível perturbar mais violentamente a sua evolução do que dirigindo o seu olhar *para fora*, do que esperando *de fora* as respostas que só o seu sentimento mais íntimo, na hora mais silenciosa, poderá talvez dar-lhe.

Gostei de encontrar na sua carta o nome do professor Horacek. Dediquei a este sábio um grande respeito e um reconhecimento que já duram há anos. Quer dizer-lhe isto da minha parte? É uma grande bondade dele, que muito aprecio, lembrar-se ainda de mim.

Devolvo-lhe os versos que tão amavelmente me confiou e mais uma vez lhe agradeço a cordialidade e a amplitude da sua confiança.

Nesta resposta sincera, escrita o melhor que soube, procurei ser um pouco mais digno dessa confiança do que o é, na realidade, este homem que não conhece. A minha dedicação e a minha simpatia.

Rainer Maria Rilke

Paris, 17 de Fevereiro de 1903

In *Cartas a um Jovem Poeta*, trad. de Fernanda de Castro, contexto editora, Lisboa, 1994.

Reflexos

Pouco tempo depois da revolução francesa, a duquesa de Villeroze apareceu, subitamente, na Boémia. Contava-se que o duque de Friedland lhe oferecera um dos seus castelos. E, com efeito, viram chegar a Demin duas grandes berlindas de viagem. Nessa época movimentada contentavam-se com uma escolta reduzida ao indispensável. Contudo, o castelo estava longe de se encontrar deserto. Verificou-se — coisa inesperada — que vivia naquela região um grande número de nobres, emigrados e outros. Havia, principalmente, muitos polacos.

As primeiras recepções da duquesa determinaram algumas situações embaraçosas. Sob o alto pórtico, vivamente iluminado, diante do qual se detinham as carruagens, em fila, interrogavam-se alguns homens com olhos de espanto, cheios de sombrias recordações, enquanto as mulheres se cumprimentavam umas às outras com um sorriso irónico. Pronunciavam-se alguns nomes em voz alta, mas muito depressa: a condessa Polonska, a princesa de Liegnitz e outros, ainda mais brilhantes. Havia entre esses visitantes alguns que pareciam não se recordar do seu nome e jerarquia senão no último minuto, na antecâmara, ao abotoarem as luvas.

Mas a duquesa de Villeroze, com as suas maneiras livres e naturais, sabia suavizar essas pequenas contrariedades. Todos os que ela recebia, todos aqueles cujos lábios lhe afluíam a mão fina e fresca, eram verdadeiramente o que pareciam ser. A duquesa fixava aqueles nomes estranhos, repetia-os com bonomia e facilidade, como se espalhasse pérolas em volta de si; e todos os visitantes os apanhavam no ar.

Ao lado da duquesa — delicada loira com aquela idade transparente em que as mulheres parecem concentrar em si a beleza de múltiplas gerações, — os visitantes encontravam ainda em Demin: a princesa Sylva-Valtara, viúva e irmã da duquesa, com quem, aliás, nada se parecia; o conde Alma, homem indiferente às mulheres, as quais o admiravam ainda mais por isso, camareiro sempre vestido de preto e, segundo se dizia, discípulo de Swedenborg; além destes, o abade Lucas, quase sempre de pé no vão de alguma janela, taciturno, sombrio, com um sorriso morto nos lábios finos.

Havia ainda uma rapariga que andava de cá para lá no meio daquela brilhante sociedade, silenciosa e solitária como se se encontrasse em plena floresta: era Helena, a filha da duquesa, sempre vestida de

branco. A duquesa parecia amá-la muito; mal a jovem princesa se mostrava no salão, a dona da casa abandonava os interlocutores para ir beijar a rapariga na fronte.

Esse gesto de ternura encantava toda a gente. «— Que mulher!», exclamava o gordo conde Ballim na sua voz forte. E uma magra e velha solteirona, que se limitara a estar uma vez noiva, rectificava: «— Que mãe, sim, que mãe aquela, meu querido conde!»

Esta cena inspirou a um jovem os seus primeiros versos. Recitou-os na mesma noite em que os fez, num canto do salão, ruborizando-se muito, e as damas aplaudiram-no com calor. Mas havia também em Demin verdadeiros poetas. Viam-se por vezes deslizar algumas silhuetas silenciosas nas áleas mais profundas do parque, e, quando se aproximavam, via-se um rosto iluminado pela solidão e olhos animados por estranhas imagens longínquas.

Acorriam às festas de Demin alguns homens capazes de improvisar, num canto tranquilo, uma melodia, que, na mesma noite, era dançada no salão. Num abrir e fechar de olhos foi composto um pequeno drama, desempenhado duas horas mais tarde com trajes estranhos e multicores. Já nos fogões ardiam manuscritos.

Para quê poupar, se havia tantos? Todos os dias surgia uma nova dança ou um jogo. Formou-se urna espécie de corte. Era o reino da duquesa, de que Demin constituía o centro.

O pessoal da casa tornava-se, gradualmente, mais numeroso com os convidados que chegavam. Acorriam de todos os lados e aceitavam no castelo a maior parte deles. Havia lugar para todos. Surgiram mordomos que tinham sob as suas ordens mais de cem criados e criadas. A sua fisionomia severa formava estranho contraste com as mãos humildes e servis.

O conde Alma disse um dia para a duquesa:

— Despeça o mordomo.

— Porquê? — perguntou a duquesa, espantada. — Estou satisfeita com ele.

O conde encolheu os ombros e o mordomo ficou. Entendia-se, admiravelmente, com o governo da casa: era sensível a sua influencia nos banquetes ou nas festas. Os próprios artistas não desdenhavam por vezes ouvir-lhe os conselhos. Uma senhora chegou mesmo a dizer um dia acerca dele: «— É uma pessoa de gosto». O mordomo encontrava-se por acaso perto dela e inclinou-se silencioso com tanta distinção na sua modéstia, que a senhora involuntariamente sorriu.

Nesta época, os festivais tornavam-se cada vez mais ricos e sumptuosos. Tanto mais que um hóspede de sangue real surgira de improviso, um príncipe jovem e atraente, que se dizia ser irmão daquele duque de Enghien que devia morrer, um pouco mais tarde, em tão cruéis circunstâncias. Foi como uma moeda de ouro lançada à multidão: toda a gente o disputou; ele tinha bastante espírito para se servir dessa atracção que sentiam por ele como um direito sobre os mesmos que o cortejavam. Distinguia as figuras que o cercavam, talhando-as como blocos de mármore, segundo a matéria que se lhe oferecia: figuras belas e faustosas umas, outras que aspiravam à beleza, outras ainda enternecedoras. Era uma rica actividade, pois inventava a maior parte das figuras mal esboçadas ainda. Um ser apenas lhe parecia possuir acabada perfeição: a Helena dos grandes olhos tristes. Nela descansava do seu perpétuo esforço de criação. Poucas palavras lhe dirigia, falando-lhe, então, principalmente do país natal, daquele vasto país situado à beira do mar calmo. E gostava de falar como se fosse apenas filho de um humilde pescador ou de qualquer homem de modesta origem. Nunca um castelo ou um parque serviam de fundo a essa conversação. A voz não se elevava e o príncipe nunca pronunciava nome que pudesse ligar as suas evocações a um lugar ou a uma época definidas. Logo que conseguia animar o mundo que o cercava, logo que todos começavam a viver da sua vida e que as vagas do seu sangue se produziam, grandes e visíveis, em mil gestos, o príncipe batia, discretamente, em retirada e voltava a encontrar a discreta rapariga, disposta para os secretos encontros.

Uma noite, estava ela de pé no vão da alta porta do salão que dava para o terraço, ele aproximou-se e ficaram juntos a olhar para fora: por cima das copas das árvores, a Lua, muito alta, vogava. E a rapariga, silenciosa, sentindo-o a seu lado, disse como se respondesse a uma pergunta:

— Olho aquelas nuvens... Como elas se formam e transformam e alteram todos os seus contornos, sempre prontas a mudar. Julgamo-nos tentados a imaginar que cada uma delas podia durar uma vida inteira com esta ou aquela forma... Se não fosse assim, para que servia tomar forma?

De repente, os dois jovens olharam-se nos olhos e tiveram o mesmo pensamento. Durante algum tempo ainda permaneceram lado a lado, em frente à noite. Mas sob a influência de não sabia que constrangimento, o príncipe voltou-se, de súbito, e viu que estava sob o olhar do padre, erecto na sombra.

O príncipe misturou-se aos outros grupos, adoptou um ar descuidado, esforçando-se, no entanto, por se aproximar do vão da janela próxima. Esboçando um sorriso, disse:

— Na sua opinião, senhor prior, que lhe parece que devemos fazer agora?

Exprimiam-se num tom hesitante, sentindo a dificuldade de encontrar a sua segurança habitual.

— Haverá acaso festa bastante ruidosa ou bela para lhe impressionar os sentidos? O senhor mantém-se sempre à margem de toda a alegria, segundo parece.

O padre inclinou-se de leve.

— Engana-se, príncipe. Os meus sentidos são agudos. Podemos admitir que formam uma ilha, uma ilha cheia de sombra neste mar que o senhor, como uma manhã, ilumina.

— A sua linguagem revela-me a causa da sua solidão. Enganar-me-ei supondo-o um poeta... ou um pensador?

— Nada disso, príncipe. Se é absolutamente necessário atribuírem-me uma função, neste lugar em que apenas se encontram pessoas de alta jerarquia, chame-me muito simplesmente espectador. É pouca coisa isso, dirá? Depende. O espectador cresce de algum modo com o espectáculo. Os homens que assistiram a uma batalha são muito diferentes daqueles que se limitaram a ser espectadores de qualquer tumulto.

— E deve-se julgar segundo o espectáculo?

— Assim mesmo, príncipe. Repare que me lisonjeei a mim próprio. Eu queria dizer-lhe que, com este espectáculo de riqueza, beleza e poder perante os olhos, me tornei um homem superior... Desculpe-me: um espectador superior. Mas agora, peço-lhe, imagine por um instante o que aconteceria se o próprio espectador interviesse, de repente, na acção. Perturbaria, sem dúvida, o jogo, interrompendo-o subitamente. Outros rostos apareceriam debaixo das pinturas; outros vestuários debaixo dos vestuários, outras vozes por debaixo das vozes habituais...

O abade falava com palavras breves, e o seu tom de voz tornara-se, de súbito, mais áspero.

— Esta duquesa, repare, é ainda a melhor pessoa de todos nós. É filha de um barão, não propriamente de um barão francês, mas não importa... é, em todo o caso, filha de um barão. Nem toda a gente que por aqui anda poderia dizer o mesmo! A mãe era, era... Perdoe-me, a

memória escapa-me diante destas possibilidades infinitas. Sim, era dançarina. Vê-a? Está neste momento a sorrir, com o seu sorriso encantador. E por não ter necessidade de o mostrar na cena de um teatro que esse sorriso tem tão pouco o ar de ser uma herança da mãe! Apesar de tudo, é dotada para o papel de duquesa. Vê junto dela a Sylva-Valtara? Espanhola? Que ideia! Julgo que foi criada no tempo em que era ainda elegante e graciosa. Agora, que engordou, prefere fazer-se passar por viúva de um príncipe que afinal nunca morreu. E aqui está o que são as nossas grandes damas. Agrada-lhe que lhe dê agora a conhecer quem são os cavalheiros?

O príncipe levava a mão à espada. Tremia tanto que os anéis lhe bateram contra os copos.

O padre, esse não abandonou a sua atitude independente.

— Ora vê, príncipe, como também eu tenho a minha alegria? Censurar-me-á ainda o não tomar parte nas festas? Foi mesmo o senhor que me sugeriu estas ironias...

Com um movimento brusco, o príncipe afastou-se do eclesiástico.

Quase no mesmo instante, estalou um tumulto na outra extremidade do salão. O mordomo, um pouco embriagado, certamente, agarrara o conde Ballim pelo braço e dirigira-lhe qualquer insolência. Teria sido fácil disfarçar o incidente, mas, no momento em que iam empurrar o mordomo para fora da sala, o conde, furioso, atirara-se a ele, de maneira que se travou, subitamente, um conflito sob os olhos das senhoras. O mordomo não estava embriagado e viu-se logo que era muito forte. Empurrou o conde para um canto do salão, e depois, em farrapos e coberto de sangue, saltou para o meio do compartimento gritando com uma vez formidável:

— Sois uns cães, uns cães, todos! Esta duquesa não é uma duquesa. Não passais de...

Houve uma desordem diabólica. Brilharam no ar as espadas e as mulheres fugiram com as caudas dos vestidos rasgadas. De repente, a esses clamores gerais, sucedeu silêncio profundo. A duquesa estava de pé junto do mordomo, tendo ao lado a filha. Ouviram-se em toda a sala as palavras que ela pronunciou em voz firme, vencendo uma leve hesitação inicial:

— Atrever-te-ás, Simeão, a repetir ainda uma vez diante desta criança aquilo que acabas de dizer?

O olhar de Helena descansava, calmo e triste, na fronte perturbada do homem. Todos guardavam silêncio. Ouviu-se em seguida a voz de Helena dirigindo-se à duquesa:

— Manda-o embora!

Mudo e dócil, o mordomo saiu do salão.

No dia seguinte, deixou Demin.

A duquesa, por seu turno, também exprimiu desejo de partir para a Polónia, a fim de se instalar num castelo de pessoas amigas. Todos aprovaram a decisão. Mas os passaportes pedidos para Viena demoravam, e o conde Alma começou a inquietar-se. Á mesa não travava nenhuma conversa alegre, tão sombrio tinha o rosto e tais sinais de preocupação na fronte. A duquesa censurou-lho. Respondeu:

— Peço-lhe que partamos hoje mesmo.

A duquesa sorriu.

— Mas, Alma, não podemos viajar sem passaportes!

— Vamo-nos embora daqui. Vamos pelo menos até à fronteira.

— E onde havemos de pernoitar? Ao relento? Que maus pressentimentos tem? Teve, acaso, maus sonhos?

O conde respondeu evasivamente:

— Durmo mal. E por isso tenho sonhos agitados e dolorosos.

No dia seguinte chegaram os passaportes e começaram os preparativos da partida. O conde mostrava pressa e ninguém o contrariava. Os criados arrancaram tudo das paredes e armários, e as malas e os cofres encheram-se como tonéis expostos à violenta chuva.

Todos os quartos estavam abertos e o vento soprava atrás das portas escancaradas. Pelos salões, curiosa, a multidão dos criados estrangeiros. Dir-se-ia uma cena de pilhagem. Viam-se lacaios adormecer nas poltronas de veludo que tinham o encargo de transportar, e algumas criadas, segurando nas mãos pesados espelhos, contemplar neles a imagem dos rostos vermelhuscos e sardentos, levando-os estendidos como pratos e a rirem com ar estúpido para o cristal.

Nenhum dos criados moderava a voz; todos riam e faziam barulho como se estivessem embriagados. Mas a mais bulhenta de todos era uma jovem de beleza provocante e impudica. Chamavam-lhe Aurora e parecia ser amante de todos os homens. Mas só o abade Lucas sabia que ela era, na realidade, mulher do antigo mordomo, que a deixara no meio do pessoal encarregada de uma certa missão.

Aurora não dizia aos outros que a duquesa e os restantes habitantes do castelo tinham usurpado os títulos que usavam. Pelo contrário, tentava fazer sentir a todos quanto era ridículo o acaso dos nascimentos que favorecia mais a uns do que a outros. E os homens, os homens principalmente — que acerca do caso deviam estar mais bem informados, — admitiam de boa vontade que ao colo e às ancas de Aurora faltavam apenas as pedras preciosas e os vestidos de seda da duquesa para lhe dar ares não menos altivos e principescos. O sacerdote, contudo, que continuava as suas observações, apercebia-se, ao ver a crescente audácia de Aurora, de que algum grande acontecimento se preparava. Corria também o boato de que Simeão reaparecera há pouco no castelo durante uma noite, para desaparecer de novo na manhã seguinte.

Na véspera da partida, Helena estava sentada com o príncipe numa saleta que não tinha sido ainda despojada do mobiliário. De vez em quando, ouviam-se ao longe os preparativos da partida. Mas a tempestade de Outono, silvando nas velhas árvores do parque, lá fora, era mais forte, e todos os rumores se perdiam nela. Uma pequenina chama saltitava no fogão aberto sem conseguir formar braseiro. As sombras da noite, que se avizinhava, pareciam inquietá-la, e era como se os dois seres fizessem parte do crepúsculo.

O príncipe perguntou:

— Ama sua mãe?

Silêncio.

— Amo-a porque não é minha mãe — respondeu a rapariga com simplicidade.

Havia qualquer coisa de tocante na confidência.

— A sua mãe já morreu?

Helena inclinou a cabeça.

Silêncio.

De repente, o jovem perguntou:

— Pode perdoar-me, Helena?

Helena abanou lentamente a cabeça com ar pensativo.

— Responde que sim. Mas sabe o que tem de me perdoar?

— Não. Mas respondo com segurança à sua pergunta, pois posso perdoar-lhe tudo, seja o que for.

O jovem levantou-se com um movimento rápido e fez um gesto impaciente para ela, lançando a cabeça para trás.

— Não sou... não sou... príncipe, nem mesmo nobre... Sou... sou... pobre.. muito pobre — disse, concluindo com ar brusco e duro, incapaz de dizer o seu nome.

A jovem princesa não pareceu espantada, nem atemorizada. Respondeu como quem fala a uma criança:

— Para que se agita assim? Sente-se. Fale-me da sua terra, que certamente lhe pertence. Tantas coisas nos pertencem!

Ele beijou de leve a mão da rapariga, que durante alguns instantes se lhe abandonou, beijou-lha com os lábios que a confissão fazia ainda tremer, e afigurou-se-lhe que aquele contacto lhe conferia uma nova nobreza.

Quando a duquesa entrou e se aproximou deles, foi para exclaimar:

— Desta vez, na verdade, partimos. Amanhã, pela alvorada, pomo-nos a caminho. Temos de despedir-nos. Aonde se dirige, príncipe?

O príncipe ergueu-se:

— Acabo de pedir à princesa Helena que me permita viajar convosco...

— E eu vejo que já obtive essa autorização — replicou sorrindo a duquesa, beijando a filha na fronte.

Um pouco mais tarde, a princesa Sylva-Valtara entrou por sua vez. Uma surda angústia a perseguia por toda a parte e a fazia passar constantemente de um compartimento para o outro. Também a saleta lhe pareceu inquietante. Mandaram trazer luz; mas fizeram-nos esperar.

Todos se sobressaltaram quando o conde Alma apareceu, subitamente, vestido de ponto em branco. Quando os outros começaram a rir, ele disse numa voz rouca:

— Já estou pronto para a viagem.

Ouviram-se, finalmente, passos num compartimento próximo. O príncipe dirigiu-se para a porta para a abrir aos criados que deviam trazer os candeeiros. Distinguiu-se um múltiplo ruído de passos. A porta abriu-se. A luz agitada das tochas deslumbrou o príncipe que sentiu, ao mesmo tempo, uma pancada e uma dor no ombro esquerdo. Cambaleou. Mas um momento depois, de espada desembainhada, afrontou os assaltantes. O conde Alma estava de pé ao lado dele. Sentia-se estranhamente lúcido. Os

seus nomes e os seus vestuários exaltavam-nos. Bateram-se com fúria. A nobreza dum reino antigo não poderia ter caído mais valorosamente. Mas os adversários, que tinham por si a força do número, levaram a melhor. O conde foi o primeiro a baquear. O príncipe perdia o sangue por muitas feridas. Os seus olhos moribundos procuravam Helena, mas ela já se não encontrava no salão. Também as outras mulheres tinham fugido. A horda invadiu o compartimento uivando. À frente dela, Simeão. Julgava ele não ter resistência a temer. Num corredor sombrio e estreito tropeçou num monte de vestidos. Era a princesa Sylva-Valtara, que de passagem degolou.

Entretanto, a duquesa procurava Helena no salão. Quando a multidão o invadiu, Simeão precipitou-se para ela, mas, de repente, suspendeu-se hesitante.

— Entregue-nos a princesa Helena, exclamou a duquesa ameaçando-o com uma espada em forma de crescente, que o feriu na mão.

Simeão soltou um uivo.

— És acaso um homem?

Ele abateu-a com uma coronhada. Levantou-a depois — era tão leve como uma criança — e atirou-a pela janela escancarada para o vazio do pátio.

Quase a seguir, a grande berlinda de viagem aproximou-se da escadaria de entrada. Dentro do castelo, a horda lançara-se sobre os caixotes e fazia pilhagem. Um descobrira até vinho na adega. Simeão tudo previra. Vestia por baixo dum grande capote a farda negra de camareiro do conde Alma. Tinha os passaportes nos bolsos da casaca. Aurora subiu antes dele para a carruagem, velada com cuidado, com as mãos sem luvas cobertas de anéis. No banco em frente, um criado poisou a forma branca e velada de uma mulher adormecida.

Ia a carruagem a pôr-se em marcha quando alguém saltou e veio ocupar o assento de trás. Simeão não reconheceu logo o companheiro suplementar. Mas, no mesmo instante, o rosto emergiu da sombra e uma voz proferiu, nítida e fria:

— Senhora duquesa...

Era o abade.

Ficaram em silêncio. Sentia-se frio naquela estranha carruagem. Surgiam luzes não se sabia donde, cujos reflexos perpassavam nas

fisionomias como pensamentos em desvario. Aurora estremecia. De repente, perguntou num murmúrio:

— Quem é?

E com o dedo apontava a forma branca e velada.

Simeão disse:

— E agora a tua filha, querida duquesa.

O abade ergueu o véu, e o rosto de Helena, como que iluminado por uma luz branca e baça, surgiu profundamente adormecido. Um pouco mais tarde, a rapariga despertou do seu desmaio; depois de baterem um pouco, as pálpebras ergueram-se-lhe e os olhos, a que já nada podia causar espanto, apareceram, com sua altivez estranha e triste.

Sob esse olhar, Simeão e a mulher enovelaram-se como cães a quem oferecem pancada. E sentiram, de repente, isto: «Esta, sim, esta é, apesar de tudo, verdadeiramente uma princesa».